

O resumo apresenta um projeto em construção que intenciona investigar o modo como a chamada gripe espanhola atingiu a atividade teatral carioca, mais especificamente, o teatro de revista do Rio de Janeiro nos anos 1918- 1919. A doença, propagada pelo vírus H1 N1, mais devastadora do ponto de vista de vidas humanas do que a 1ª Grande Guerra (1914 -1918), contaminou a população mundial num momento em que a saúde pública ainda não era uma realidade e a ciência não tinha conhecimento sobre os vírus.

A gripe chegou ao Brasil por mar, a bordo do navio inglês Demerara. O Rio de Janeiro vivia uma crise econômica quando foi gravemente atingido pela pandemia, morreram 15 mil pessoas de uma população de 910.710 habitantes. Segundo Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling (2020) em outubro de 1918 “já eram 600mil os infectados, e não havia quem não conhecesse alguém afetado ou vitimado pela influenza”.

Saluyano Cavalcanti de Paiva (1991), ressalta que antes mesmo da chegada da doença, o ano de 1918 já foi difícil para o teatro de revista carioca, pois eram poucas estreias e muitas remontagens. Entre os novos textos desataram-se *podia ser pior* de Raul Pederneiras e J. Praxedes, *O Caradura* de Guilhermina Rocha, *Parcimônia & Cia* de Carlos Bitencourt e Rego Bastos, *Depois eu Digo...* de Alfredo Breda e Romano Coutinho e *Os Dragões da Independência* de Candido Costa. Em 1919 foram montadas as revistas *É o suco* de J. Praxedes, *Eu me garanto* de Sofonias Dornelas, *Contra- Mão* e *Jeca Tatu* de Alfredo Breda e Romano Coutinho e *Confessa meu bem* de Cardoso Meneses.

O projeto visa buscar os referidos textos dramáticos e periódicos da época para entender como o teatro de revista foi impactado por esta doença e se houve algum registro deste impacto nas dramaturgias citadas.

O resumo apresenta um projeto em construção que intenciona investigar o modo como a chamada gripe espanhola atingiu a atividade teatral carioca, mais especificamente, o teatro de revista do Rio de Janeiro nos anos 1918- 1919. A doença, propagada pelo vírus H1 N1, mais devastadora do ponto de vista de vidas humanas do que a 1ª Grande Guerra (1914 -1918), contaminou a população mundial num momento em que a saúde pública ainda não era uma realidade e a ciência não tinha conhecimento sobre os vírus.

A gripe chegou ao Brasil por mar, a bordo do navio inglês Demerara. O Rio de Janeiro vivia uma crise econômica quando foi gravemente atingido pela pandemia, morreram 15 mil pessoas de uma população de 910.710 habitantes. Segundo Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling (2020) em outubro de 1918 “já eram 600mil os infectados, e não havia quem não conhecesse alguém afetado ou vitimado pela influenza”.

Saluyano Cavalcanti de Paiva (1991), ressalta que antes mesmo da chegada da doença, o ano de 1918 já foi difícil para o teatro de revista carioca, pois eram poucas estreias e muitas remontagens. Entre os novos textos desataram-se *podia ser pior* de Raul Pederneiras e J. Praxedes, *O Caradura* de Guilhermina Rocha, *Parcimônia & Cia* de Carlos Bitencourt e Rego Bastos, *Depois eu Digo...* de Alfredo Breda e Romano Coutinho e *Os Dragões da Independência* de Candido Costa. Em 1919 foram montadas as revistas *É o suco* de J. Praxedes, *Eu me garanto* de Sofonias Dornelas, *Contra- Mão* e *Jeca Tatu* de Alfredo Breda e Romano Coutinho e *Confessa meu bem* de Cardoso Meneses.

O projeto visa buscar os referidos textos dramáticos e periódicos da época para entender como o teatro de revista foi impactado por esta doença e se houve algum registro deste impacto nas dramaturgias citadas.